

História do dinheiro

José Costa Matos

Newton Freitas publica *História do Dinheiro*, com segura “Apresentação” de Pádua Lopes. O tema, assim afirmativo, seria surpreendente, se ainda estivesse em voga a moda implantada por pensadores surgidos nos anos 90, na esteira do livro *O Fim da História e o Último Homem*, do americano Francis Fukuyama.

A idéia do fim da história não era nova. Vinha de Hegel e fizera estação no francês Alexandre Kojève, nos anos 30.

Aliás, desde 1989, Francis Fukuyama agitava o seu assunto. Para ele, o modelo democrático liberal triunfará, em definitivo, sobre o fascismo e comunismo. E era o “ponto final da evolução ideológica da humanidade”. Alcançava-se “a forma final do governo humano”.

Então, muitos analistas do comportamento humano escreveram sobre o fim de alguma coisa.

Vieram *O Fim da Natureza*, *O Fim da Evolução*, *O Fim do Estado Nação*, *O Fim da Ciência*, *O Fim das Certezas*, *O Fim do Racismo*, *O Fim da Educação*, *O Fim da Democracia*, *O Fim dos Empregos*, *O Fim da Arte*, *O Fim da Literatura*, *O Fim da Ordem Militar* (ai, George W. Bush!), *A Morte do Homem Econômico...* e *A Morte do Dinheiro*. Aqui, o livro era de Joel Kurtzman, economista e colunista do *New York Times*.

Essas profecias falharam. Lembra-me ter lido em Chesterton: o imprevisto é a única lei da história. No Brasil, Alceu Amoroso Lima participava dessa crença. Em favor do imprevisto, e já noutra milênio, Newton Freitas escreveu *História do Dinheiro*.

Como sabem todos, o dinheiro tem um caminho de amores e condenações. Antes de Jesus Cristo, e na literatura latina, o poeta Virgílio já cunhava a sentença famosa: “Auri Sacra Fames.” A fome detestável do ouro.

É hábito atribuir ao cristianismo a condenação do dinheiro e das riquezas. Alguns fatos cristãos, no entanto, mostram que essa condenação se dirige a certo modo de possuir bens materiais. Mateus, publicano e, por isso, homem de dinheiro, foi dos primeiros chamados por Cristo para composição da dúzia dos companheiros mais próximos. Os evangelistas Marcos e Lucas o chamavam Levi, filho de Alfeu.

Outro arrecadador de impostos, sabidamente rico e, por isso, combatido pela comunidade judaica, Zaqueu, na sua casa, realizou o banquete pedido pelo Mestre.

Tanto quanto humanamente possível, Newton Freitas tem afetividade quase neutra diante do dinheiro. Aí prevalece o técnico, com o objetivo de dar o que sabe. Sem dúvida, há amor no impulso de qualquer doação.

A vida é muito compósita, inesgotável nos seus ingredientes. Esse amor de ensinar perpassa toda a obra de Newton Freitas. E é presença no *Dicionário Oboé de Finanças*, no *Dicionário Oboé de Artes*, no *Dicionário Oboé de Vinhos...*

“História do Dinheiro” tem uma pluralidade de riquezas. O conhecimento dos fatos de ontem deixa aberta uma linha de interpretação da própria natureza humana. A etimologia, explicação dos termos que tinham que nascer. A semântica, que acolhe mudanças significativas das palavras, no contágio da carência, da alegria, do cômico, dentro do nosso inevitável desejo de viver...

Os leitores da *História do Dinheiro*, de Newton Freitas, dominarão a curiosa terminologia da vida dos bancos. Desde o escambo ao Ted. E aqui reponta Mário Palmério. No seu romance *Vila dos Confins*, há uma lição de que, no interior de Minas Gerais, era corrente um título de crédito com o nome “devo-e-te-pagarei”. Era uma forma de nota promissória. Cautelosos esses mineiros. Devo-e-te-pagarei...

Curiosidades. Sobre o surgimento do Fundo Monetário Internacional. Sobre as reencarnações do Banco do Brasil. Sobre o primeiro banco comercial privado: o Banco do Ceará. Com vida curta, nasceu em 1836 e fechou em 1839. Sobre a graça das ilustrações do chargista Sinfrônio.

Em suma, o livro de Newton Freitas renova o ensino de que cada fato histórico tem componentes novos. Por isso, a vida muda, nas voltas que a Terra dá. E a mais alta sabedoria humana é ampliar a consciência da presença de Deus em nós. Sem adesão aos medrosos.

Porque,

“Tão temerosos da mudança humana,
quantos tentam viver a mentira das pedras!

Mas a pedra também muda
nas alternâncias de calor e frio.

E racha tanto... e racha tanto... e racha tanto,
que se esfarela em areias.”